

THAYSA MARIA ARAÚJO SOUZA

**DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO,
VALORES E CLIMA FAMILIAR EM JOVENS
ADULTOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

THAYSA MARIA ARAÚJO SOUZA

**DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO,
VALORES E CLIMA FAMILIAR EM JOVENS
ADULTOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção de grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias no dia 15 de março de 2017, com despacho de Nomeação de Júri n.º: 444/2016, de 14 de Novembro de 2016, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Arguente: Professora Doutora Ana Filipa Beato

Orientador: Professora Doutora Ana Prioste

Orientadora Professora Doutora Ana Prioste
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Prioste,
pela orientação, incentivo, tolerância, disponibilidade e profissionalismo. Seu suporte
foi imprescindível para a conclusão desta dissertação. Muito obrigada por dividir seu
conhecimento de forma tão genuína e afetuosa. Meus mais sinceros e profundos
agradecimentos!

Aos participantes do estudo,
que contribuíram espontaneamente para a produção deste trabalho. Muito obrigada!

E numa esfera mais pessoal,
agradeço à minha mãe, minhas irmãs e meus sobrinhos,
pelo suporte emocional e por sempre me incentivarem nas minhas decisões.

*E por último, um obrigada especial à minha filha Letícia Hope,
que foi (e sempre será) a inspiração para a escolha do tema desta dissertação e a
quem, com muito amor, dedico este trabalho.*

Resumo

A literatura tem apontado o impacto de diversas variáveis individuais e familiares no desenvolvimento da identidade. Através de um desenho quantitativo transversal e com recurso a uma amostra de 275 adultos emergentes (18-30 anos), o presente estudo exploratório pretendeu analisar: a relação entre o clima familiar, os valores pessoais, a idade e os processos de desenvolvimento identitário; e as diferenças em relação aos processos de desenvolvimento da identidade, ao clima familiar e aos valores pessoais em função da coabitação ou não coabitação com a família de origem. Os resultados mostraram que: o compromisso é predito pela coesão e apoio familiares, pela idade e pelos valores coletivistas; a exploração em amplitude é predita pela coesão familiar; a identificação com o compromisso é predita pela idade e pela coesão familiar; a exploração em profundidade é predita pela coesão e pela hierarquia familiares; e a exploração ruminativa é predita pela hierarquia familiar. Para além disso, os adultos emergentes que coabitam com a família de origem apresentam níveis superiores de exploração em amplitude. Os resultados realçam a importância do clima relacional familiar e da coabitação com a família no desenvolvimento identitário do adulto emergente. As implicações para a prática clínica e para a literatura nas áreas da identidade, valores pessoais e psicologia da família são discutidas.

Palavras-Chave: identidade; valores pessoais; clima familiar; adultos emergentes.

Abstract

The literature has pointed out the impact of multiple individual and family variables in the development of identity. Through a cross-sectional quantitative designs and using a sample of 275 emerging adults (18-30 years), this exploratory study aimed at analyzing: the relationship between the family climate, personal values, age and identity development processes; and differences related to the identity development process, the family climate and personal values in function of cohabitation or no cohabitation with the family-of-origin. The results showed that: the commitment making is predicted by family cohesion and support, by age and by collectivist values; exploration in breadth is predicted by family cohesion; identification with commitment is predicted by age and family cohesion; exploration in depth is predicted by the family cohesion and hierarchy; and ruminative exploration is predicted by the family hierarchy. In addition, emerging adults who live with the family-of-origin have higher levels of exploration in breadth. The results highlighted the importance of family relational climate and cohabitation with the family in the identity development of the emerging adult. The implications for clinical practice and literature in the areas of identity, personal values and family psychology are discussed.

Keywords: identity; personal values; family climate; emerging adults

Lista de Abreviaturas e Siglas

APA -	Associação Americana de Psicologia
DIDS -	Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade
ICF -	Inventário do Clima Familiar
INE -	Instituto Nacional de Estatística
QVPR -	Questionário sobre Valores Pessoais Readaptado
SPSS -	Statistical Package for Social Sciences

Índice Geral

1. Enquadramento teórico	09
1.1. Desenvolvimento da identidade: uma perspectiva ecológica	11
1.2. Identidade: modelos e teorias	13
1.3. Valores pessoais	15
2. Método	17
2.1. Participantes	17
2.2. Procedimentos de recolha da amostra	17
2.3. Instrumentos	18
2.3.1. Questionários de dados sociodemográficos	18
2.3.2. Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário – DIDS	18
2.3.3. Inventário do Clima Familiar – ICF	19
2.3.4. Questionário sobre valores pessoais readaptado – QVP-R	19
2.4. Procedimentos de análise de dados	20
3. Resultados	21
3.1. Modelos de regressão	21
3.2. Diferenças entre adultos emergentes que coabitam e não coabitam com os pais	22
Discussão dos resultados	25
Referências	31
Anexo A	

Índice de Figuras

Figura 1 -	Modelo de regressão para a dimensão compromisso.	21
Figura 2 -	Modelo de regressão para a dimensão exploração em amplitude (EAmplitude).	21
Figura 3 -	Modelo de regressão para a dimensão exploração ruminativa (ERuminativa).	22
Figura 4 -	Modelo de regressão para a dimensão identificação com o compromisso.	22
Figura 5 -	Modelo de regressão para a dimensão exploração em profundidade (EProfundidade).	23
Figura 6 -	Médias das dimensões compromisso, exploração em amplitude (EAmplitude), exploração ruminativa (ERuminativa), identificação com o compromisso (ICompromisso) e exploração em profundidade (EProfundidade) para adultos emergentes que coabitam e não coabitam com os pais.	23
Figura 7-	Médias das dimensões conflito, hierarquia, apoio e coesão familiares para adultos emergentes que coabitam e não coabitam com os pais.	24
Figura 8 -	Médias dos valores individualistas e coletivistas para adultos emergentes que coabitam e não coabitam com os pais.	24

Índices de Anexos

Anexo A -	Protocolo de investigação	40
-----------	---------------------------	----

Enquadramento teórico

Enquanto um conjunto de características biológicas, psicológicas e sociodemográficas que permite definir o que a pessoa pensa sobre si e como se percebe na relação com os outros, a identidade pode ser conceptualizada como um todo constituído por diferentes níveis interligados (e.g., identidade individual, relacional e coletiva) (Sedikides & Brewer, 2001; Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011). O impacto de variáveis familiares e parentais no desenvolvimento da identidade tem sido objeto de estudo pelas comunidades científica e clínica ao longo das últimas décadas (Beyers & Goossens, 2008; Linares, 1996; Matheis & Adams, 2004; Meeus, Iedema & Vollebergh, 1991; Luyckx, Soenens, Vansteenkiste, Goossens, & Berzonsky, 2008). A literatura tem apontado o clima familiar (e.g., coesão, conflito, expressividade) e a parentalidade (e.g., práticas parentais) como mecanismos explicativos das trajetórias desenvolvimentais (Moos & Moos, 1994; Pratta & Santos, 2007; Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2015; Stocker, 2007) e do desenvolvimento da identidade de adolescentes e de adultos emergentes (Berzonsky & Kuk, 2000; Matheis & Adams, 2004; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silhares, 2003; Weber, Brandenburg, & Stasiack, 2003). Os valores pessoais são princípios orientadores da vida (Schwartz & Bilsky, 1990) e representam princípios básicos socialmente partilhados sobre o modo como a sociedade deve ser organizada (Pereira, Camino, & Costa, 2005). Ao criarem e preservarem um sentido de identidade pessoal, os valores pessoais dão coerência e continuidade aos padrões comportamentais (Caprana, Schwartz, Capanna, Vecchione, & Barbaranelli, 2006), contribuindo para o desenvolvimento das relações que os indivíduos estabelecem ao longo da vida (Bengston, Biblarz, & Roberts, 2002; Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012). Considerando que a relação entre o desenvolvimento identitário, o clima familiar e os valores pessoais não tem sido suficientemente estudada, o presente estudo pretendeu investigar, em adultos emergentes portugueses, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos: (1) a relação entre o clima familiar, os valores pessoais, o desenvolvimento da identidade e a idade; e (2) as diferenças entre o desenvolvimento da identidade, o clima familiar e os valores pessoais em função da coabitação ou não coabitação com a família de origem.

A relevância deste tópico pode ser fundamentada por várias razões. A existência de vários modelos focados no desenvolvimento da identidade [e.g., modelo dos estatutos da identidade (Marcia, 1966); modelos dos estilos identitários (Berzonsky,

2010); modelo integrativo da identidade (Luyckx et al., 2008)] e de diversos instrumentos para a avaliar [e.g., Ego Identity Process Questionnaire (Balistreri, Busch-Rossnag, & Geisinger, 1995); Revised Identity Style Inventory (Berzonsky, 1992); Dimensions of Identity Development Scale (Luyckx et al., 2008)] tem contribuído para o aumento de estudos que relacionam a identidade com outras variáveis (Meeus, 2011). O presente estudo assume, como mapa teórico, o modelo integrativo do desenvolvimento identitário (Luyckx et al., 2008). Este modelo centra-se nos processos formativos e avaliativos da identidade e distingue cinco processos de identidade – exploração em amplitude, exploração em profundidade, exploração ruminativa, compromisso e identificação com o compromisso. De acordo com a revisão de literatura realizada, até à data não foram encontrados estudos que relacionem os processos de identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2008), valores pessoais e clima familiar.

Os actuais adultos emergentes, comumente designados de *geração canguru*, prolongam a coabitação com os pais (Macedo & Kublikowski, 2014; Rodrigues, 2011) e atrasam a saída de casa da família de origem, o que se poderá reflectir nas suas trajectórias desenvolvimentais através do adiamento da exploração da identidade. De acordo com a Eurostat (2009) e o Instituto Nacional de Estatística (2010), em Portugal, as mulheres tendem a sair de casa, em média, aos 28.5 anos e os homens aos 29.5, sendo que a grande maioria sai para se casar. Considerando esta tendência e o seu impacto nos processos familiares e na autonomização do adulto emergente, torna-se pertinente estudar o impacto da coabitação e da não coabitação com os pais no desenvolvimento da identidade, no clima familiar e nos valores pessoais de adultos emergentes em Portugal.

A literatura tem apontado para que o prolongamento dos estudos académicos possa estar também associado ao adiamento da saída de casa dos pais e da manutenção da dependência económica (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012), podendo contribuir também para o adiamento da exploração da identidade. A maioria dos estudos centrados nos processos da identidade tem utilizado exclusivamente amostras de estudantes do ensino secundário e superior (Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers, & Missotten, 2011), limitando a generalização de resultados a outras amostras, particularmente a amostra de adultos emergentes trabalhadores. No sentido de colmatar esta lacuna, o presente estudo recorreu a uma amostra alargada e diversificada de jovens adultos portugueses, trabalhadores e estudantes, entre os 18 e os 30 anos.

Desenvolvimento da identidade: uma perspectiva ecológica

Tomando em consideração o modelo ecológico do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979), podemos perspectivar a influência de diversos níveis sistémicos no desenvolvimento da identidade. A um nível *macrossistémico*, consideramos o impacto do ambiente social mais alargado (e.g., valores, ideologia, sistemas político, social, económico e cultural, globalização) no desenvolvimento da identidade (Bosma 2001; Hermans & Oles, 1993). O facto de a adultez emergente ser determinada social e culturalmente (Arnett, 2000, 2001, 2006) coloca em causa a generalização dos resultados da maioria dos estudos que utilizam amostras de estudantes universitários da classe média branca a adultos emergentes de diferentes meios socio-económicos e educacionais. A literatura tem alertado para necessidade de estudos focados no impacto do contexto sociocultural no desenvolvimento da identidade, sob pena dos aspectos sociais do desenvolvimento serem negligenciados (Bender & Chasiotis, 2011). Diversos factores macrossociais contribuem para o atraso das transformações cognitivas, comportamentais e relacionais, retardando a maturação psicossocial e o processo de desenvolvimento identitário (e.g., Arnett, 2000; Kroger, 2002). Vários autores têm apontado para que, nos países mediterrânicos, a ausência ou escassez de medidas sociais de apoio à autonomia dos adultos emergentes reforce os laços com a família, acentuando o papel do sistema familiar como fonte central de suporte e atrasando o processo de autonomização (Brandão et al., 2012; Billari, 2004; Guerreiro & Abrantes, 2004; Petrogiannis, 2011). Por outro lado, os marcadores sociais claros ou rituais de passagem para a fase adulta que conferiam previsibilidade (e.g., casamento) foram substituídos pela responsabilidade de construir um significado para a trajectória de vida individual (Bauman, 2001; Brandão et al., 2012).

No *microsistema* incluem-se os contextos próximos com os quais o indivíduo interage diretamente (e.g., família), e é neste nível que as influências bidireccionais são mais fortes (Walsh, 1985). Ao assegurar a continuidade do ser humano e construir a ponte indivíduo-sociedade através da transmissão de crenças, da partilha emocional e da participação em rituais coletivos (Linares, 1996), a família ocupa uma posição central em todas as etapas do ciclo de vida. O clima familiar tem sido operacionalizado de forma inconsistente na literatura (Moss & Moss, 1994; Olson, 2000; Teodoro, 2009). Neste estudo, optou-se pela conceptualização de clima familiar de Teodoro, Allgayer e Land (2009), considerando a relevância do apoio e coesão intra-familiares, do nível de conflito e da hierarquia familiar. Contudo, independentemente do modelo e da

conceptualização de clima familiar, a literatura tem mostrado, coerentemente, que o clima familiar é uma variável poderosa no desenvolvimento individual, influenciando o bem-estar (Fiese, Winter, Anbar, Howell, & Poltrock 2008; Fosco & Gruch, 2007; Morris, Silk, Steiberg, Myers, & Robinson, 2007; Teodoro, Allgayer, & Land, 2009; Wood, 2006), o comportamento [e.g., abuso de substâncias psicoactivas (Haugland, 2003; Pumar, Ayerbe, Espina, García, & Santos, 1995)] e a identidade (Matheis & Adams, 2004). Por exemplo, o estudo de Matheis e Adams (2004), focado na relação entre o clima familiar e os estilos identitários, mostrou que a coesão familiar está positivamente associada ao desenvolvimento de um estilo identitário normativo e a expressividade familiar está associada negativamente ao estilo identitário difuso/evitante.

A tendência actual do prolongamento da coabitação com a família de origem e a manutenção do “ninho cheio” (Carter & McGoldrick, 1995; González, 1994) tem sido perspectivada de forma divergente. Por um lado, Kublikowski e Rodrigues (2016) sugerem que o prolongamento e rearranjo das dinâmicas familiares possam estar associados à pluralidade e à unicidade das trajetórias de desenvolvimento individual, afastando-as de um carácter claramente disfuncional e não colocando em causa a condição adulta dos filhos. Por outro lado, outros autores consideram que o prolongamento da coabitação mantém a dependência do adulto emergente aos pais, dificulta o compromisso social e perpetua a condição de “adolescentes” (Jablonski & Martino, 2013), o que tem um carácter disfuncional (Vieira & Rava, 2012). Neste sentido, a experiência de separação dos pais é considerada como um dos fatores essenciais para alcançar maturidade (Henriques, Jablonski, & Feres-Carneiro, 2004). Frequentemente, os pais dificultam a saída dos filhos do ninho através da concessão de regalias e cuidados (e.g., permissão para dormir com o/a namorado/a em casa), não os ajudando a consolidar o processo de individuação e a construção de uma vida independente (Wendling & Wagner, 2005).

O *cronossistema*, transversal a todos os níveis contextuais, remete-nos para a dimensão temporal. A identidade muda ao longo da vida, de acordo com as mudanças desenvolvimentais e a interacção com o meio (Vignoles et al., 2011), contudo, é expectável que as grandes mudanças ocorram na adolescência e na transição para a

idade adulta¹ (Arnett, 2000; Erikson, 1968; Schwartz, Zamboanga, Luyckx, Meca, & Ritchie 2013). Neste sentido, Arnett (2007), considerando o impacto do contexto social actual, aponta para que, embora a experimentação de papéis sociais típicos da vida adulta seja iniciada na adolescência, os processos de exploração de alternativas sejam maioritariamente realizados após os 18 anos. O estudo de Luyckx, Klimstra, Duriez, Petegem e Beyers (2013), com uma amostra de 5.854 participantes entre os 14 e 30 anos, mostrou a idade é uma variável influente nos processos de desenvolvimento identitário. Os resultados do estudo mostraram que o aumento da idade está associado positivamente ao *Compromisso* e à *Identificação do compromisso* (Luyckx et al., 2013). Este trabalho de Luyckx e colaboradores (2013) corroborou os resultados do estudo de Schwartz e Rubel (2005) que mostraram, com uma amostra de 565 participantes entre os 17 e os 22 anos, que a idade está associada positivamente à *Identificação com o compromisso*. Por outro lado, os estudos apontam para que os processos de exploração, especialmente na *Exploração em Amplitude* e na *Exploração em Profundidade*, percam as suas funções adaptativas e se tornem disfuncionais após a terceira década de vida, podendo, a partir daí estar associados à experiência de sintomas depressivos (Luyckx et al., 2013).

A ideia de que há, progressivamente, uma estabilização da identidade e da consolidação da percepção de si enquanto adulto até aos 30 anos de idade tem sido suportada por vários estudos. Por exemplo, os resultados dos estudos de Arnett (1998, 2000), conduzidos com estudantes universitários dos Estados Unidos da América, apontam para que a maioria dos estudantes referisse uma percepção ambivalente de si como adulto, i.e., percecionava-se simultaneamente como adulto e adolescente. Esta ambivalência tem sido associada à experiência de um duplo *status* de dependência e

¹ Considerando essas mudanças, Obeidallah, Hauser e Jacobson (1999) propuseram três efeitos: continuidade, repercussão e adormecimento. O efeito de continuidade propõe que as pessoas que tiveram um bom funcionamento psicossocial na fase da adolescência manterão os níveis de com funcionamento e de bem-estar na fase adulta. O efeito de repercussão sugere que uma trajectória desenvolvimental positiva na adolescência não implica a manutenção de um bom nível de funcionamento interpessoal na idade adulta. Por último, o efeito de adormecimento aponta para que, apesar de a trajectória desenvolvimental na adolescência não ter sido positiva, o adulto emergente poderá ter desenvolver funcionamento psicossocial adequado, no sentido de lidar com os desafios da vida adulta.

independência em relação aos pais (Dey & Morris, 1999). A dissipação desta ambivalência tende a ocorrer com a proximidade dos 30 anos, altura em que 75% dos adultos emergentes se casa e tem uma situação laboral e financeira mais estável (Arnett, 2004). Os estudos realizados com adultos emergentes em Portugal têm apoiado os resultados dos estudos internacionais, mostrando que, após a experiencição de um período inicial isento de responsabilidades e marcado pela aventura e experimentação, segue-se um período de acréscimo de responsabilidades e estabilidade e de implementação de projectos familiares (Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009; Rodrigues, 2011).

Identidade: Modelos e teorias

Os trabalhos de Erikson (1963) centrados na identidade serviram de base para o desenvolvimento de vários modelos teóricos explicativos do desenvolvimento da identidade. O modelo dos estatutos identitários, desenvolvido por Marcia (1966), procurou identificar os processos chave da identidade descritos por Erikson, operacionalizá-los e estudá-los empiricamente. Marcia (1966) centrou-se na identificação dos marcadores psicológicos e comportamentais que estão subjacentes à estrutura identitária, tendo identificado as dimensões *exploração* (equacionar várias alternativas identitárias) e *compromisso* (tomada de decisão em relação a uma ou mais alternativas consideradas). Com base nestas duas dimensões, Marcia (1966) definiu quatro estatutos: (1) identidade realizada, caracterizada pelo estabelecimento de um compromisso após um período de exploração de alternativas; (2) difusão da identidade, caracterizada pela ausência de exploração de alternativas e de compromissos; (3) identidade fechada, descrita pela existência de compromissos e objectivos claros e firmes, sem um período de exploração prévia; e (4) identidade moratória, descrita por um processo de exploração e pelas dificuldades de tomada de decisão e de estabelecimento de compromisso. O modelo dos estatutos identitários de Marcia (1980) serviu de base a um vasto corpo de estudos empíricos focados na relação entre os estatutos identitários e outras variáveis (Kroger & Marcia, 2011).

Tendo por base o modelo de Marcia (1966), vários autores enfatizaram a necessidade de estudar os processos subjacentes ao compromisso e exploração (Côté & Levine, 1988; Grotevant, 1987). Neste sentido, foram desenvolvidos modelos mais abrangentes e identificados processos de exploração e compromisso mais específicos. Luyckx e colaboradores (2008) distinguiram cinco processos de identidade – exploração

em amplitude, exploração em profundidade, exploração ruminativa, compromisso e identificação com o compromisso. Estes autores agruparam quatro processos em dois ciclos consecutivos de formação da identidade. O primeiro ciclo, denominado de *formação do compromisso*, centra-se nos processos através dos quais os indivíduos exploram diferentes alternativas da identidade (*exploração de amplitude* ou pró-ativa) e aderem a compromissos de identidade (*compromisso*, i.e., adesão a valores, objectivos e crenças). O segundo ciclo de identidade, designado de *avaliação do compromisso*, foca os processos através dos quais os indivíduos reavaliam os seus compromissos de identidade (*exploração em profundidade*, i.e., avaliação e exploração dos compromissos actuais) e avalia o grau em que eles se identificam e se sentem seguros em relação aos seus compromissos (*identificação com o compromisso*, i.e., grau em que os compromissos se integram no seu sentido de *self*). O processo de identidade *exploração ruminativa* foi posteriormente adicionado ao modelo e é descrito como um processo não adaptativo/bloqueador do desenvolvimento identitário (Luyckx et al., 2008). Deste modo, os indivíduos com níveis elevados de exploração ruminativa têm mais dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias e questionam-se continuamente em relação às mesmas questões, o que os leva a experienciar sentimentos de incerteza e incompetência (Luyckx et al., 2011).

Têm sido desenvolvidos vários estudos focados nos processos de identidade identificados por Luyckx e colaboradores (2008) e outras variáveis, nomeadamente, idade (Luyckx et al., 2013; Schwartz & Rubel, 2005), sintomatologia depressiva (e.g., Luyckx et al., 2008), fatores de personalidade (Luyckx, Soenen & Groossens, 2006; Caspi & Roberts, 1999), poder de decisão, competências e auto-imagem (Pals, 1999) e parentalidade (Barber, 2002; Beyers & Groossens, 2008; Soenens, Luyckx, Vansteenkiste, & Groossens, 2008). Contudo, não existem estudos que relacionem os cinco processos de identidade (Luyckx et al., 2008), o clima familiar e os valores pessoais.

Valores pessoais

Os valores têm sido conceptualizados como “conceitos ou crenças acerca de comportamentos ou estados desejados que transcendem situações específicas, guiam, seleccionam ou avaliam o comportamento e os acontecimentos, e estão ordenados de acordo com a sua importância relativa” (Schwartz & Bilsky, 1990, p. 878). O estudo dos valores foi marcadamente influenciado pelos trabalhos de Schwartz ao longo das

últimas décadas (e.g., Bilsky & Schwartz, 2010; Sagiv & Schwartz, 2000; Schwartz et al., 2012) com a construção e validação empírica da teoria dos valores básicos individuais (Bilsky, 2009). De acordo com esta teoria, os valores representam respostas cognitivas, individuais e sociais a três necessidades universais: dos indivíduos, enquanto organismos biológicos; da interacção social coordenada; e dos requisitos para o bem-estar e sobrevivência colectiva, que expressam interesses individuais, colectivos e mistos (Bilsky, 2009). A teoria dos valores individuais básicos propõe uma ordenação dos valores em torno de um *continuum* motivações dispostas circularmente (vide Schwartz, 1992). Com base na possibilidade de distinção de diferentes níveis de abstracção dentro da hierarquia de motivações, Schwartz e colaboradores (2012) sugeriram uma reordenação dos valores individual de acordo com o foco: individual ou social/colectivo. À semelhança de outros trabalhos (e.g., Prioste et al., 2015), no presente estudo, os valores foram conceptualizados em duas classes: individualista, que integra valores auto-centrados; e colectivista, que inclui valores focados no grupo.

A literatura tem mostrado que os valores pessoais estão relacionados com o bem-estar individual e familiar (Ghazarian, Supple, & Plunkett, 2008), com o clima familiar (Prioste et al., 2015), com as práticas educativas parentais e o envolvimento emocional entre pais e filhos (Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000), com a idade (Bugent & Goodnow, 1998; Menezes & Campos, 1991; Prioste et al, 2012). A literatura aponta os valores pessoais como partes da identidade, influentes na estabilização dos padrões comportamentais (Caprara et al., 2006) e na construção de sentido e coerência nas narrativas pessoais (Linares, 1996). Contudo, existem poucos estudos focados na relação entre a identidade e os valores pessoais (Berzonsky, Cieciuch, Duriez, & Soenens, 2011).

O presente estudo

Tendo em conta a literatura revista e as lacunas identificadas, o presente estudo tem um carácter exploratório e pretende analisar: a relação entre o clima familiar, os valores pessoais, a idade e o desenvolvimento da identidade; e as diferenças entre o desenvolvimento da identidade, o clima familiar e os valores pessoais em função da coabitação ou não coabitação com a família de origem. Pretende-se, deste modo, contribuir para o enriquecimento do conhecimento científico na área da identidade e da transição para a idade adulta em Portugal.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 275 ($N = 275$) participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 22.24$; $DP = 2.5$). A maioria da amostra é do género feminino (74.9%), reside na zona da Grande Lisboa (60.4%) e habita com a família (69.6%). No que concerne à escolaridade, 61.7% da amostra frequenta o ensino universitário, 71.3% é estudante e 22% é trabalhador. Em relação à situação relacional, 45.6% da amostra não tem uma relação amorosa e 43.6% tem uma relação de namoro. Quanto à religiosidade, a maioria dos participantes é crente (78.9%), sendo que 42.2% é praticante e 36.7% é não praticante. Relativamente ao acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, a maioria da amostra (68.2%) nunca teve acompanhamento.

Procedimento de recolha da amostra

Após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV, UHTL) decorreu a recolha da amostra. A amostra foi seleccionada a partir de uma amostra mais alargada de 330 participantes, tendo sido estabelecidos os seguintes critérios de inclusão no presente estudo: (a) ter nacionalidade portuguesa; e (b) ter idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Uma amostra de 275 participantes cumpriu estes critérios, tendo sido integrada neste estudo.

A amostra foi recolhida durante três meses (entre Fevereiro e Abril de 2016), através de um processo de amostragem não probabilística (amostragem de conveniência). Através do método de “bola de neve”, 67.12% da amostra foi recolhida presencialmente, através de procedimentos informais em grupo (e.g., contexto de sala de aula em Instituições de Ensino Superior) ou individualmente (e.g., redes pessoais de contactos). A restante percentagem foi recolhida *on-line* através da plataforma Google Docs. O recurso a várias estratégias de recolha permitiu uma diversificação da amostra, integrando adultos emergentes que frequentam e que não frequentam o ensino superior.

Os participantes colaboraram voluntariamente e sem qualquer remuneração, após a explicitação dos objetivos do estudo, da garantia da confidencialidade e da possibilidade de desistência a qualquer momento, e a assinatura do consentimento informado (vide Anexo A). A recolha da amostra presencial foi realizada na presença da(s) investigadora(s) que mostraram disponibilidade para esclarecer as dúvidas

relacionadas com as questões e/ou vocabulário que surgissem. Em relação à recolha *on-line*, o estudo foi divulgado através de redes sociais e de correio electrónico e os questionários foram respondidos através da plataforma Google Docs. Antes de os participantes responderem ao protocolo *on-line*, foram explicitados os objetivos do estudo, foi garantida a confidencialidade dos dados, clarificada a possibilidade de desistência e foram disponibilizados os contactos da investigadora responsável pelo estudo, caso surgisse alguma dúvida ou questão no decorrer da participação do estudo.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos. Os participantes responderam a um questionário de dados pessoais e sociodemográficos. O questionário inclui questões como idade, sexo, situação relacional, nível de escolaridade, profissão, religiosidade e acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico.

Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (Dimensions of Identity Development Scale, DIDS; versão original: K. Luyckx, 2006; tradução e adaptação para a população portuguesa: Prioste, Lugar, Paulino, & Jongenlenen, 2016). A DIDS avalia cinco dimensões: *Exploração em profundidade*, composta por cinco itens (e.g., "Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.") que avaliam a exploração de alternativas após a adesão a compromissos; *Exploração em amplitude*, integra cinco itens (e.g., "Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.") que medem a exploração de alternativas prévia à adesão a compromissos; *Compromisso*, inclui cinco itens (e.g., "Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.") que avaliam a adesão a compromissos; *Identificação com o compromisso* constituída por cinco itens (e.g., "Os meus planos para o futuro dão-me auto-confiança.") que avaliam o grau de segurança e de identificação em relação aos compromissos; e *Exploração ruminativa* composta por cinco itens (e.g., "Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.") que avaliam a exploração progressiva de diversas alternativas e a não adesão a compromissos.

No estudo de validação da DIDS (Luyckx et al., 2008), com uma amostra de jovens adultos, as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .79$ para a dimensão *Exploração em profundidade* e entre $\alpha = .86$ para as dimensões *Compromisso*, *Identificação com o compromisso* e *Exploração ruminativa*. No presente estudo, foram encontrados valores de consistência interna adequados: $\alpha = .68$ para a dimensão *Exploração em profundidade*; $\alpha = .80$ para a

dimensão *Exploração em amplitude* ; $\alpha = .88$ para a dimensão *Compromisso* ; $\alpha = .89$ para a dimensão *Identificação com o compromisso*; e $\alpha = .78$ para a dimensão *Exploração ruminativa*.

Inventário do Clima Familiar (ICF; Teodoro, Land, & Allgayer, 2009; tradução e adaptação para a população portuguesa: Francisco, 2015). O ICF é um instrumento de auto-relato que integra 22 itens e avalia o clima familiar através de uma escala de *Likert* de cinco pontos, de 1 (“discordo completamente”) a 6 (“concordo completamente”). O ICF é composto por quatro dimensões: *Conflito* que inclui seis itens que avaliam a agressividade, a crítica e a conflituosidade relacional entre os membros da família (e.g., “As pessoas criticam-se umas às outras com frequência.”); *Hierarquia* que integra seis itens que avaliam a organização, o poder e o controle intra-familiares (e.g., “É comum que algumas pessoas proíbam outras de fazer determinadas coisas sem explicar o porquê.”); *Apoio* que integra cinco itens que descrevem o suporte emocional e material na família (e.g., “Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas.”) e *Coesão* que engloba cinco itens que avaliam o vínculo emocional entre os membros da família (e.g., “As pessoas sentem-se felizes quando toda a família esta reunida.”).

No estudo de validação do ICF (Teodoro, Land, & Allgayer, 2009), com uma amostra de 276 participantes, as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .82$ para a dimensão *Conflito* e entre $\alpha = .72$ para a dimensão *Hierarquia*. No presente estudo, os níveis de consistência interna revelaram-se igualmente adequados em todas as dimensões, obtendo-se os seguintes valores de alfa: $\alpha = .89$ para o *Conflito*; $\alpha = .77$ para a *Hierarquia*; $\alpha = .80$ para o *Apoio*; e $\alpha = .90$ para a *Coesão*.

Questionário sobre Valores Pessoais Readaptado (QVPR; versão original: Schwartz, 1992; tradução e adaptação para a população portuguesa: Menezes e Campos, 1991 e Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012). O QVPR é um instrumento de auto-relato que inclui uma lista única de 63 valores. A tarefa do participante consiste em avaliar quão importante é, para si, cada valor enquanto princípio orientador da sua vida, utilizando uma escala de (0) “Nada importante” a (6) “De importância fundamental”. Em cada item, é apresentado um valor e uma definição, para diminuir a carga de subjectividade semântica na interpretação do item (Prioste et al., 2012). O QVPR avalia oito dimensões – tipos de valores –, organizados em duas classes de valores: *Individualista* e *Colectivista* (Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2015). A classe de

valores *Colectivista* é composta pelos tipos de valores Relacional, Tradicionalismo, Preocupação Social e Espiritualidade e avalia a importância de valores de interdependência, i.e., que enfatizam a conexão com os outros. A classe de valores *Colectivista* inclui valores como “Família (valorização da prioridade da família no percurso de vida)” e “Generosidade (valorização de ações gratuitas em prol dos outros)”. A classe de valores Individualista é composta pelos tipos de valores Aventura, Poder Social, Realização Pessoal e Equilíbrio Pessoal e avalia a importância de valores de independência em relação aos outros. A classe de valores *Individualista* inclui valores como “Independência pessoal (valorização da auto-suficiência, da autonomia)” e “Prazer (satisfação de desejos)”. No estudo de Prioste e colaboradores (2015), as classes *Individualista* e *Colectivista* mostraram valores adequados de consistência interna ($\alpha = .90$ para a classe *Individualista* e $\alpha = .88$ para a classe *Colectivista*). Neste estudo os valores encontrados também foram adequados: $\alpha = .94$ para classe *Colectivista* e $\alpha = .95$ para a classe *Individualista*.

Procedimento de análise dos dados

Os protocolos respondidos em papel foram introduzidos no *Statistical Package for Social Science, version 22* (SPSS). Os dados dos protocolos respondidos *on-line* foram exportados para uma base de dados do SPSS. Os dados foram integrados numa única base de dados, a partir da qual foram analisados com recurso ao SPSS.

Para analisar a relação entre o clima familiar, os valores pessoais, a idade e os processos de desenvolvimento da identidade, foram realizadas várias regressões lineares múltiplas através do método *stepwise*. Tendo em conta Field (2013), as regressões múltiplas permitem construir um modelo complexo e são utilizadas para realizar análises multivariadas com mais de três variáveis. O método *stepwise* foi escolhido para analisar o grau de significância de todas as variáveis inseridas no modelo, eliminar as variáveis que não apresentam um poder explicativo significativo e identificar as variáveis que melhor prediziam a variável dependente em estudo (Field, 2013). Considerando cada dimensão do desenvolvimento identitário como uma variável dependente, foi realizada uma análise de regressão linear, tendo como preditores a idade e as dimensões do ICF e do QVPR. Para analisar as diferenças em relação ao desenvolvimento da identidade, clima familiar e valores pessoais em função da coabitação e da não coabitação com a família de origem, foram realizados testes-*t*.

Resultados

Modelos de regressão para as dimensões da identidade

A Figura 1 apresenta o modelo de regressão para a dimensão compromisso. A idade, o apoio familiar e os valores coletivistas foram preditores significativos do compromisso. Assim, quanto maior o nível de adesão a valores coletivistas, a percepção de apoio familiar e quanto maior a idade, maior a adesão a compromissos.

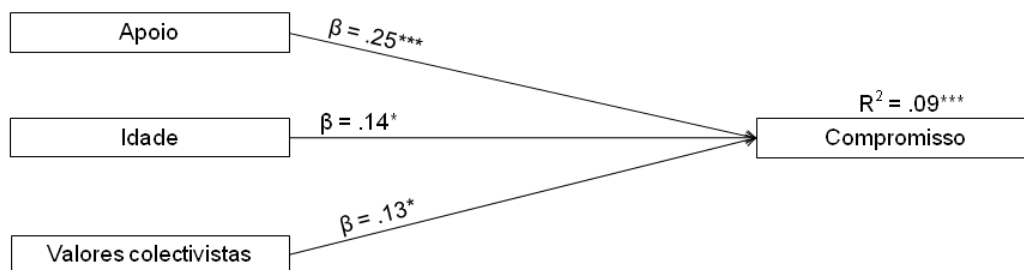


Figura 1. Modelo de regressão para a dimensão compromisso.

Nota: *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

A Figura 2 apresenta o modelo de regressão para a dimensão exploração em amplitude. Como se pode observar, a coesão familiar foi o único preditor significativo da exploração em amplitude. Deste modo, a percepção de níveis elevados de coesão está associada a níveis elevados de exploração de alternativas antes da adesão a compromissos.



Figura 2. Modelo de regressão para a dimensão exploração em amplitude (EAmplitude).

Nota: *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

A Figura 3 apresenta o modelo de regressão para a dimensão exploração ruminativa. Tal como se pode observar, a hierarquia foi o único preditor significativo da

exploração ruminativa, i.e., a percepção de níveis elevados de hierarquia intra-familiar está associada a níveis elevados de exploração de diversas alternativas e de não adesão a compromissos.



Figura 3. Modelo de regressão para a dimensão exploração ruminativa (ERuminativa).

Nota: *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

A Figura 4 apresenta o modelo de regressão para a dimensão identificação com o compromisso. Tal como se pode observar, a coesão familiar e a idade foram preditores significativos da identificação com o compromisso. Assim, o aumento da idade e a percepção de níveis elevados de coesão familiar está associada a um maior grau de segurança e de identificação em relação aos compromissos assumidos.

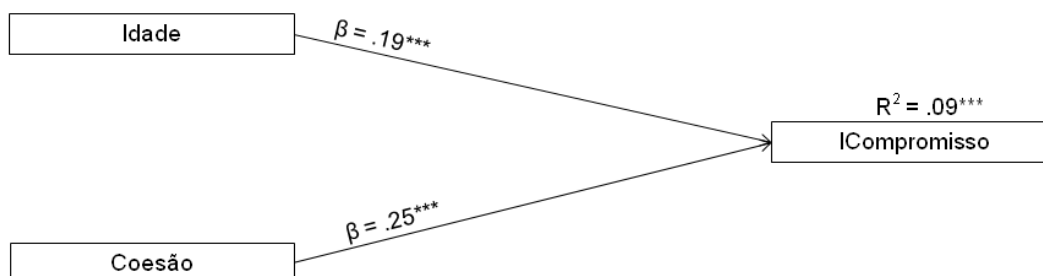


Figura 4. Modelo de regressão para a dimensão identificação com o compromisso (ICompromisso).

Nota: *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

A Figura 5 apresenta o modelo de regressão para a dimensão exploração em profundidade. Tal como se pode observar, a coesão e a hierarquia familiares foram preditores significativos da exploração em amplitude. Deste modo, a percepção de níveis elevados de coesão e hierarquia familiar está associada a níveis elevados de exploração de alternativas após a adesão a compromissos.

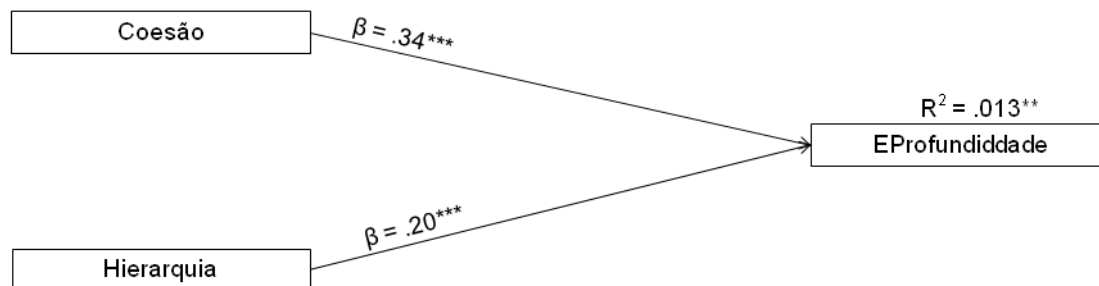


Figura 5. Modelo de regressão para a dimensão exploração em profundidade (EProfundidade).

Nota: *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

Diferenças entre adultos emergentes que coabitam e não coabitam com os pais

Foram analisadas as diferenças entre jovens que coabitam e não coabitam com os pais em relação às cinco dimensões do desenvolvimento identitário (Figura 6). Foram encontradas diferenças significativas na dimensão exploração em amplitude; em média, os adultos emergentes que não coabitam com os pais reportaram níveis superiores de exploração em amplitude ($M = 4.02$; $DP = .56$) em relação aos adultos emergentes que coabitam com os pais ($M = 3.87$; $DP = .66$), $t(273) = -1.98$, $p < .05$.

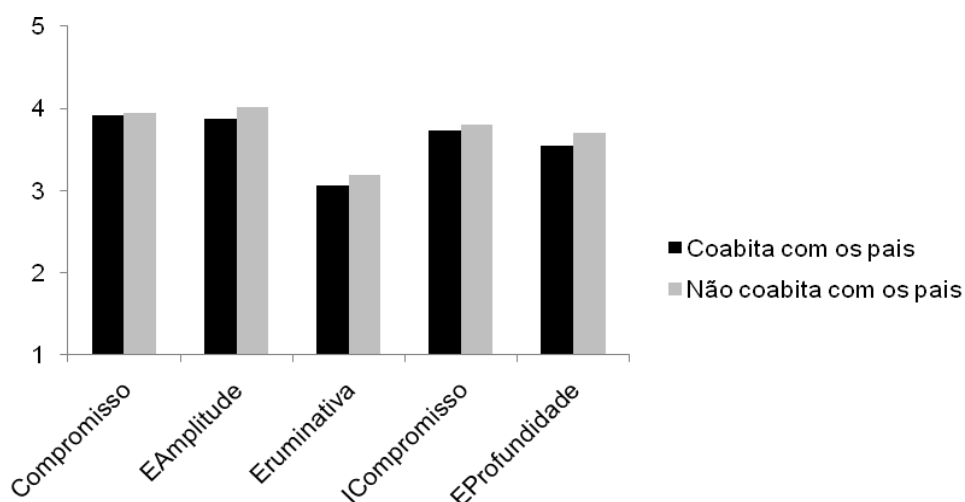


Figura 6. Médias das dimensões compromisso, exploração em amplitude (EAmplitude, exploração ruminativa (ERuminativa), identificação com o compromisso (ICompromisso) e exploração em profundidade (EProfundidade) para adultos emergentes que coabitam e que não coabitam com os pais.

Foram analisadas as diferenças entre jovens que coabitam e não coabitam com os pais em relação às quatro dimensões do clima familiar (Figura 7) e não foram encontradas diferenças significativas.

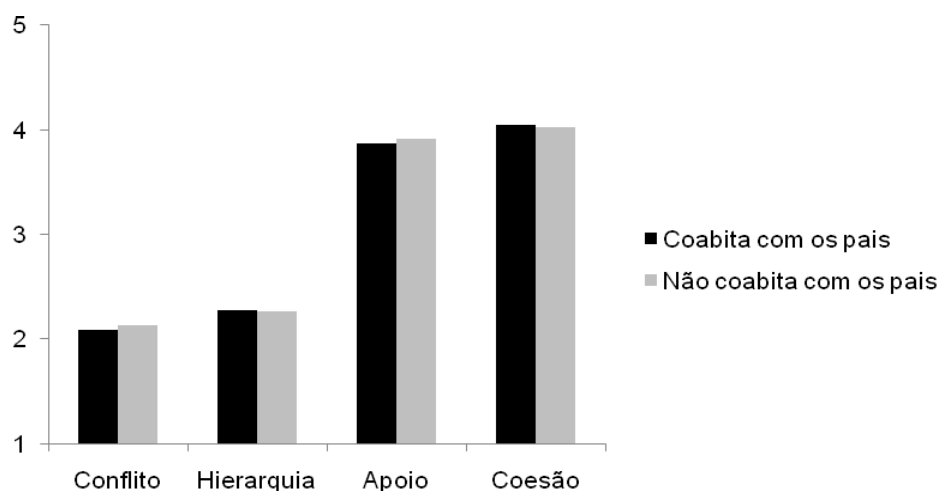


Figura 7. Médias das dimensões conflito, hierarquia, apoio e coesão familiares para adultos emergentes que coabitam e que não coabitam com os pais.

Foram analisadas as diferenças entre jovens que coabitam e não coabitam com os pais em relação aos valores coletivistas e individualistas (Figura 8) e não foram encontradas diferenças significativas.

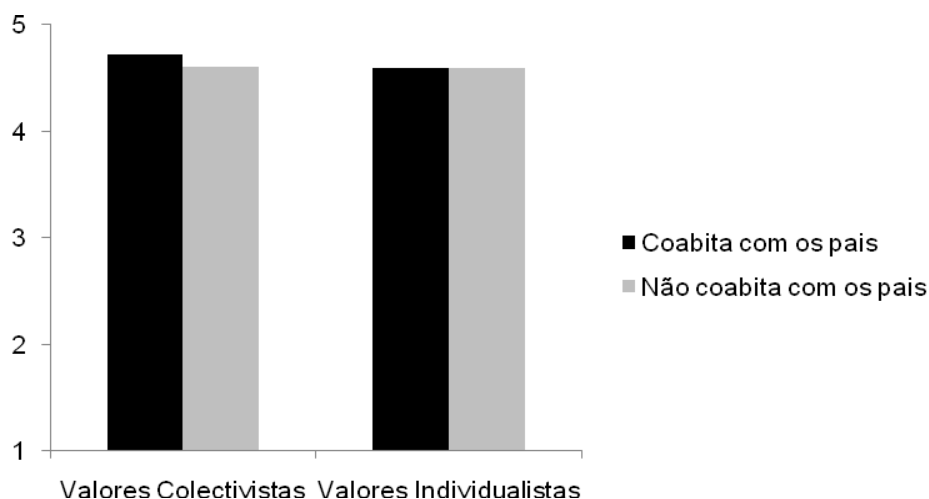


Figura 8. Médias dos valores individualistas e coletivistas para adultos emergentes que coabitam e que não coabitam com os pais.

Discussão dos resultados

Este trabalho pretendeu investigar, em adultos emergentes com idade entre os 18 e os 30 anos, a relação entre o clima familiar, os valores pessoais e o desenvolvimento identitário e as diferenças em relação aos processos de desenvolvimento da identidade, clima familiar e valores pessoais entre adultos emergentes em função da coabitação ou não coabitação com os pais. Deste modo, procurou contribuir-se para o enriquecimento e para a expansão do conhecimento científico sobre identidade e adultos emergentes no contexto nacional. Para além disso, pretendeu-se colmatar algumas das lacunas identificadas na literatura, nomeadamente, o facto de não se terem identificado estudos que relacionem os cinco processos de desenvolvimento da identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2008), os valores pessoais e o clima familiar em adultos emergentes.

No geral, os dados mostram que as cinco dimensões do desenvolvimento da identidade são preditas, pelo menos, por uma dimensão do clima familiar, excepto pelo conflito. Estes resultados reforçam a ideia de que o desenvolvimento da identidade em adultos emergentes é permeável à influência do clima relacional da família, sugerindo que a família é um sistema influente na transição para a idade adulta. Por um lado, o suporte emocional e material que o adulto emergente recebe da família parece ser relevante para o estabelecimento de compromissos; por outro, a proximidade emocional entre os membros da família também parece ser essencial que os adultos emergentes se identifiquem com os compromissos a que aderiram e explorem alternativas antes e após a tomada de compromisso. Estes resultados vão ao encontro dos resultados de outros estudos (e.g. Matthei & Adams, 2004) que mostraram que a coesão familiar é um fator fulcral para o desenvolvimento normativo da identidade, apoiando a ideia de que um ambiente familiar apoiante, harmonioso, afectuoso e unido facilita a exploração de diferentes caminhos e a identificação com os objetivos previamente definidos. Desta forma, os dados sugerem que, na transição para a idade adulta, a família tenha um papel securizante e apoiante nas trajectórias desenvolvimentais de adultos emergentes.

Os resultados mostraram que a hierarquia, i.e., a organização, o poder e o controlo intra-familiares, é também influente no desenvolvimento da identidade, estando associada à exploração ruminativa. A intrusividade e a tentativa de controlo, enquanto comportamentos parentais, têm sido associadas a trajectórias desenvolvimentais negativas (Hale, Engels & Meeus, 2006; Teixeira, Oliveira, &

Wottrich, 2006). Na mesma linha, hipotetizamos que, nas famílias nas quais predomina o exercício de poder e controlo excessivos, a rigidez da verticalidade da relação pais-filhos poderá ser bloqueadora do processo de autonomia. Neste sentido, o bloqueio do processo de autonomia poderá manifestar-se através da dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias, levando a que os adultos emergentes se questionem continuamente em relação às mesmas questões e experienciem sentimentos de incerteza e incompetência, apresentando, assim, níveis mais elevados de exploração ruminativa.

Os resultados do estudo sugerem que a exploração em profundidade seja também predita pela hierarquia familiar. Considerando que a dimensão exploração em profundidade remete para a recolha de informações sobre os objectivos e planos pessoais e a exposição dessa informação a outros significativos, enquanto forma de avaliação dos compromissos (Luyckx et al., 2008), será possível que os adultos emergentes que percebem as suas famílias como mais controladoras, sintam uma maior necessidade de aprofundar as suas escolhas, objectivos ou projectos identitários.

Pelos dados obtidos, o conflito familiar não está associada aos processos de desenvolvimento identitário em adultos emergentes, sugerindo que os processos de desenvolvimento da identidade não são afectados ou bloqueados pela agressividade, crítica e conflituosidade relacional entre os membros da família. Este resultado poderá espelhar o facto de os níveis de conflituosidade na família diminuírem após a adolescência dos filhos (Herrenkohl, Kosterman, Hawkins, & Mason, 2009; Laursen & Collins, 1998). Para além disso, poderá também estar associado ao facto de os pais perceberem de forma positiva a permanência dos filhos, estando, por isso, disponíveis para os apoiar por um período mais prolongado e com menos conflitos (Brandão et al., 2012). Neste sentido, hipotetizamos que a percepção positiva da permanência dos filhos em casa e o evitamento de conflitos (familiares e conjugais) poderão constituir como uma forma de evitamento do “ninho vazio”. Por outro lado, tendo em conta o caminho centrífugo que o adolescente faz em relação à família na adolescência e os processos de individuação e autonomia, este resultado também poderá apontar para que a negatividade e a crítica familiares não impactem significativamente no processo de desenvolvimento da identidade na transição para a idade adulta.

Os resultados mostram uma associação positiva entre a exploração em amplitude e a coesão familiar, o que realça a importância da qualidade da relação entre os elementos da família na exploração de várias alternativas de vida. Este resultado poderá

também estar relacionado com a coabitação com os pais, dada a elevada percentagem da amostra de adultos emergentes que coabita com os pais. A permanência em casa dos pais pode proporcionar aos adultos emergentes a possibilidade de continuarem a explorar vários percursos de vida alternativos e de investirem mais na sua formação académica, profissional e no lazer, sem as responsabilidades *reais* de um adulto (Brandão et al., 2012; Pais, 2001). Estas *famílias canguru* possibilitam, assim, aos filhos a experientiação de várias vivências (e.g., quarto separado dentro de casa com possibilidade de trazer o parceiro amoroso) antes de tomarem decisões mais estruturadas em relação à sua vida. Desde modo, a percepção de um clima familiar coeso pode impactar positivamente no processo de exploração em amplitude, aumentando a possibilidade de exploração e experimentação de várias opções de vida. Por outro lado, hipotetizamos que a percepção de níveis elevados de coesão familiar possa influenciar a manutenção do “ninho cheio”, com diferentes ganhos para pais e filhos (Silveira & Wagner, 2006), como já foi referido anteriormente.

Os resultados apontam para que a idade esteja associada às dimensões compromisso e identificação com o compromisso, sugerindo que o aumento da idade esteja associado a níveis mais elevados de compromisso em relação a projectos, objetivos e crenças e ao aumento da reavaliação dos seus compromissos, o que vai de encontro aos resultados de trabalhos anteriores (e.g. Arnett, 2004, 2006, 2007; Andrade, 2006; Guerreiro & Abrantes, 2004; Luyckx et al., 2013; Schwartz & Rubel, 2005). Tal como a literatura sugere, os processos de desenvolvimento da identidade que se iniciam na adolescência tendem a intensificar-se durante a transição para a idade adulta (Arnett, 2004, 2006, 2007), com a exploração de várias possibilidades em diferentes planos da vida (afectivo, profissional e ideológico), culminando com uma progressiva estabilização da identidade e da consolidação da percepção de si enquanto adulto (Arnett, 2000). Neste sentido, Arnett (2006) aponta para que, na terceira década de vida, os adultos já devem ter clarificado um conjunto de questões associadas às suas necessidades pessoais e objectivos profissionais e familiares.

A associação encontrada entre os valores coletivistas e o compromisso aponta para que os valores coletivistas tenham um papel importante na forma como os adultos emergentes desenvolvem a sua identidade. Considerando que o desenvolvimento identitário e a adesão a valores ocorrem em contexto, através da interrelação de vários níveis sistémicos de influência (Bronfenbrenner, 1979), temos de considerar as especificidades do contexto português na interpretação deste resultado. Neste sentido, os

resultados de vários estudos (e.g., Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2016; Ramos, 2006), com amostras portuguesas, têm mostrado consistentemente que os portugueses, no geral, tendem a valorizar mais os valores colectivos, i.e., os que transcendem os interesses pessoais em prol do bem-estar social. Tendo em conta que os valores representam princípios básicos socialmente partilhados sobre o modo como a sociedade deve ser organizada (Pereira, Caminho, & Costa, 2005), os valores coletivistas reflectem princípios fundamentais que orientam a sociedade portuguesa. Deste modo, parece-nos também plausível considerar que este tipo de valores tenderá a ser mais influente no desenvolvimento da identidade dos adultos emergentes portugueses.

Implicações para a literatura e para a prática clínica

Os resultados deste trabalho, ao mostrarem a associação entre o apoio, a coesão e a hierarquia familiares e as dimensões do desenvolvimento da identidade, realçam a importância do papel da família no processo de maturidade e desenvolvimento dos filhos na transição para a idade adulta. Este estudo tem, assim, implicações para a área da psicologia da família, mostrando que o apoio, as relações e a estrutura familiares podem ser facilitadores no processo de exploração de alternativas, formação de compromissos e reavaliação destes, em adultos emergentes. O facto dos processos identitários serem preditos, pelo menos, por uma das dimensões do clima familiar, apoia a literatura que aponta a família como o sistema mais influente no desenvolvimento individual ao longo do ciclo de vida (Coatsworth, Pantin, & Szapocnik, 2002). Para além disso, os resultados deste trabalho apoiam a ideia de que, apesar do desenvolvimento da identidade em adultos emergentes ser *permeável* à positividade do clima relacional da família, é *impermeável* à negatividade e à crítica familiar.

O presente trabalho, ao mostrar que a hierarquia familiar está associada positivamente a níveis elevados de exploração ruminativa [e, sendo esta última um factor de risco para o desenvolvimento de uma identidade funcional e adaptativa (Beyers & Luyckx, 2015)], poderá levantar questões em relação ao impacto do tipo de relações (verticais e horizontais) no processo de desenvolvimento da identidade e na autonomia de adultos emergentes. Este estudo tem implicações para a literatura relacionada com adultos emergentes e com identidade, tendo em consideração os resultados relativos às diferenças entre adultos emergentes que coabitam e não coabitam com os pais. Neste sentido, tendo em conta os resultados do presente estudo e o impacto individual e familiar do prolongamento da coabitação do adulto emergente com a

família, os profissionais deverão explorar as consequências da manutenção do “ninho cheio”, balanceando os ganhos e custos evidentes e os ocultos, no sentido de fornecer ferramentas adequadas para o bem-estar nesta fase do ciclo de vida. Os resultados deste estudo podem, potencialmente, contribuir para o desenho de linhas orientadoras no desenvolvimento e implementação de intervenções individuais e/ou familiares específicas para promover o bem-estar em adultos emergentes e em famílias com adultos emergentes. Por último, a associação observada entre os valores coletivistas e o compromisso tem implicações para a literatura nas áreas dos valores e da identidade, ao mostrar que os valores pessoais poderão funcionar como “alicerces identitários”, permitindo a definição de projectos futuros.

Limitações e estudos futuros

Embora o presente estudo possa constituir-se como um contributo para o enriquecimento e para a expansão do conhecimento científico sobre identidade e adultos emergentes, apresenta várias lacunas, nomeadamente, o facto de a amostra utilizada ser de conveniência, não permitindo a generalização dos resultados aos adultos emergentes portugueses. Sendo maioritariamente constituída por participantes do género feminino, a amostra é discrepante em relação à distribuição por género. Para além disso, é maioritariamente constituída por estudantes universitários.

Em relação aos instrumentos, pelo facto de serem instrumentos de auto-relato, levantam-se questões em relação aos enviesamentos pela desiderabilidade social, já que as medidas de auto-relato reflectem as avaliações da pessoa acerca dos seus comportamentos actuais juntamente com as suas crenças sobre de si próprias (Lindquist & Barrett, 2008). Em relação ao desenho, o facto de o estudo ter um desenho transversal, não possibilita o estabelecimento de relações de causalidade entre as variáveis.

Seria importante que os estudos futuros colmassem estas lacunas, i.e., incluíssem amostras mais heterogéneas de adultos emergentes, recorressem a desenhos metodológicos mais complexos (estudos longitudinais e mistos) e a análises estatísticas mais robustas. Para além disso, os estudos futuros poderiam estudar o papel de outras variáveis (e.g., estatuto relacional, nível de escolaridade) no desenvolvimento da identidade e na relação entre o clima familiar e o desenvolvimento da identidade. O estudo do papel de moderação da idade e do género na relação entre o clima familiar, os

valores pessoais e o desenvolvimento da identidade também poderia constituir-se como uma questão de investigação de estudos futuros.

Referências

- Andrade, C. (2006). *Antecipação da conciliação dos papéis familiares e profissionais na transição para a idade adulta: Estudo diferencial e intergeracional*. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Manuscrito não publicado.
- Arnett, J. J. (1998). Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 468–480. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence to midlife. *Journal of Adult Development*, 8, 133-143.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the later teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). The case for emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9(1), 111-123.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: what is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 2, 68-73.
- Balistreri, E., Busch-Rossnagel, N. A., & Geisinger, K. F. (1995). Development and preliminary validation of the Ego Identity Process Questionnaire. *Journal of Adolescence*, 18, 179-190.
- Barber, B. K. (2002). *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents*. Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/10422-000.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Bender, M., & Chasiotis, A. (2011). Number of siblings explains cultural differences in autobiographical memory in PR China, Cameroon, and Germany. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42, 998–1017. doi:10.1177/0022022110381127.
- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Berzonsky, M. D. (1992). Identity style and coping strategies. *Journal of Personality*, 60, 771–788. doi:10.1111/j.1467-6494.1992.tb00273.x

- Berzonsky, M. D. (2010). Eriksonian developmental stage. In Weiners & Craighead (Eds). *Corsini Encyclopedia of Psychology*. New Jersey: John Wiley & Sons. doi:10.1002/9780470479216.corpsy0318
- Berzonsky, M. D., Cieciuch, J., Duriez, B., & Soenens, B. (2011). The how and what of identity formation: Associations between identity styles and value orientations. *Personality and Individual Differences*, 50, 295-299.
- Berzonsky, M. D., & Kuk, L. S. (2000). Identity status, identity processing style, and the transition to University. *Journal of Adolescent Research*, 15, 81-98.
- Beyers, W., & Grossens, L. (2008). Dynamics of perceive parenting and identity formation in late adolescence. *Journal of Adolescence*, 31, 165-184.
- Beyers, W., & Luyckx, K. (2015). Ruminative exploration and reconsideration of commitment as risk factors for suboptimal identity development in adolescence and emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 47, 169-78. doi:10.1016/j.adolescence.2015.10.018.
- Billari, F. C. (2004). Becoming an adult in Europe: A macro(micro)-demographic perspective. *Demographic Research Special Collection*, 3(2), 15-44. doi:10.4054/DemRes.2004.S3.2
- Bilsky, W. (2009). A estrutura de valores: Sua estabilidade para além de instrumentos. *Revista de Administração Mackenzie*, 10, 12-33.
- Bilsky, W., Janik, M., & Schwartz, S. H. (2010). The structural organization of human values - Evidence from three rounds of the European Social Survey (ESS). *Journal of Cross-Cultural Psychology*, XX (10), 1-19.
- Bosma, H. A., & Kunnen, E. S. (2001). Determinants and mechanisms in ego identity development: A review and synthesis. *Developmental Review*, 21, 39-66.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. (2012). O prolongamento da transição para idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313.
- Brofenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bugental, D., & Goodnow, J. (1998). Socialization processes: Biological, cognitive, and social-cultural perspectives. In W. Damon (Ed.). *Handbook of child psychology* (pp. 389-462). New York: Wiley.

- Caprana, G., Schwartz, S., Capanna, C., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2006). Personality and politics: Values, traits, and political choice. *Political Psychology*, 27, 1-28.
- Carter E., & McGoldrick, M. (1995). *The changing family life cycle – A framework for family therapy*. Boston: Allyn and Bacon.
- Caspi, A., & Roberts, B. W. (1999). Personality continuity and change across the life course. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of Personality: Theory and Research* (pp. 300-326). New York: Guilford Press.
- Coatsworth, J. D., Pantin, H., & Szapocnik, J. (2002). Famílias unidas: A family-centered ecodevelopmental intervention to reduce risk for problem behavior among hispanic adolescents. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(2), 113-132.
- Côté, J. E., & Levine, C. (1988). A critical examination of the ego identity status paradigm. *Developmental Review*, 8, 147–184.
- Dey, I., & Morris, S. (1999). Parental support for young and adults in Europe. *Children and Youth Services Review*, 21(11-12), 915-935.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage.
- Fiese, B., Winter, M., Anbar, R., Howell, K., & Poltrock, S. (2008). Family climate of routine asthma care: Associating perceived burden and mother-child interaction patterns to child well-being. *Family Process*, 47(1), 63–79. doi:10.1111/j.1545-5300.2008.00239.x
- Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2007). Emotional expression in the family as a context for childrens appraisals of interparental conflict. *Journal of Family Psychology*, 21, 248-258.
- Francisco, R. (2015). *Inventário de Clima Familiar: Versão Portuguesa* (versão para investigação). Universidade Católica Portuguesa.
- Ghazarian, S. R., Supple, A. J. & Plunkett, S. W. (2008). Familism as a predictor of parent–adolescent relationships and developmental outcomes for adolescents in Armenian American immigrant families. *Journal of Child and Family*, 17, 599. doi:10.1007/s10826-007-9177-7
- Grotevant, H. D. (1987). Family processes, identity development, and behavioral outcomes for adopted adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 12, 139-161.

- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71, 205-211.
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2004). Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20(58), 157-212.
- Hale, W. W., Engels, R., & Meeus, W. (2006). Adolescent's perceptions of parenting behaviours and its relationship to adolescent: Generalized anxiety disorder symptoms. *Journal of Adolescence*, 29, 407-417.
- Haugland, B. S. (2003). Paternal alcohol abuse: Relationship between child adjustment, parental characteristics, and family functioning. *Child Psychiatry and Human Development*, 34, 127-146.
- Henriques, C. R., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). A "geração canguru": Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *PSICO*, 35(2), 195-205
- Hermans, H. J. M., & Oles, P. K. (1993). The personal meaning of values in a rapid changing society. *The Journal of Social Psychology*, 134, 569-579.
- Herrenkohl, T., Kosterman, R., Hawkins, J.D., & Mason, A. (2009). Effects of growth in family conflict in adolescence on adult depressive symptoms mediating and moderating effects of stress and school bonding. *Journal of Adolescent Health*, 44(2), 146-152. doi:10.1016/j.jadohealth.2008.07.005
- Jablonski, J., & Martino, S. D. (2013). A qualitative exploration of emerging adults' and parents' perspectives on communicating adulthood status. *The Qualitative Report*, 18(37), 1-12.
- Kroger, J. (2002). Identity processes and contents through the years of late adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 10, 317-337.
- Kroger, J., & Marcia, J. E. (2011). The identity statuses: Origins, meanings, and interpretations. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 31-54). New York: Springer.
- Kublikowsky, I., & Rodrigues, C.M. (2016). 'Kangaroo generations': New contexts, new experiences. *Estudos Psicológicos*, 33(3), 535-542. doi:org/10.1590/1982-02752016000300016
- Laursen, B., Coy, K., & Collins, W. A. (1998). Reconsidering changes in parent-child conflict across adolescence: A meta analysis. *Child Development*, 69(3), 817-832.

- Lindquist, K., & Barrett, L. F. (2008). Constructing emotion: The experience of fear as a conceptual act. *Psychological Science*, 19, 898-903.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa – La terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Luyckx, K., Klimstra, T. A., Duriez, B., Petegem, V. S., & Beyers, W. (2013). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends, functionality, and depressive symptoms. *Social Development*, 22(4), 701-721. doi:10.1111/sode.12027
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 77-98). New York: Springer.
- Luyckx, K., Soenens, B., & Goossens, L. (2006). The personality-identity interplay in emerging adult women: Convergent findings from complementary analyses. *European Journal of Personality*, 20, 195-215.
- Luyckx, K., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Goossens, L., & Berzonsky, M. (2008). Parental psychological control and dimensions of identity formation in emerging adulthood. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 546-550.
- Macedo, R. M. S., & Kublikowski, I. (2014). Ciclo vital dos estratos médios de famílias urbanas no Brasil. *Relatório de Pesquisa apresentado no XV Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico*. Rio Grande do Sul.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. *Handbook of adolescent psychology*, 9(11), 159-187.
- Matheis, S., & Adams, G. (2004). Family climate and identity style during late adolescence. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 4(1), 77-95.
- Meeus, W., Helsen, M., Iedema, J., & Vollebergh, W. (1991). Patterns of adolescent identity development: Review of literature and longitudinal analysis. *Developmental Review*, 19, 461-480.
- Meeus, W. (2011). The study of adolescent identity formation 2000–2010: A review of longitudinal research. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 75-94. doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00716.x

- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. (2009). Transição para a idade adulta e adulez emergente: Adaptação do Questionário de Marcadores da Adulez junto de jovens portugueses. *Psychologica*, 51, 147- 168.
- Menezes, J., & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: Estudo transversal. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Moos B.S., & Moos R.H. (1994). *Family Environment Scale Manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361-388.
- Obeidallah, D. A., Hauser, S. T., & Jacobson, A. M. (1999). The long branch of phase-environment fit: Concurrent and longitudinal implications of match ad mismatch among diabetic and nondiabetic youth. *Journal of Adolescent Research*, 14, 95-121.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Ambar.
- Pals, J. L. (1999). Identity consolidation in early adulthood: Relations with ego resiliency, the context of marriage, and personality change. *Jornal of Personality*, 67, 295-329.
- Petrogiannis, K. (2011). Conceptions of the transition to adulthood in a sample of Greek higher education students. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 11(1), 121-137.
- Pereira, C., Camino, L., & Costa, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 16-25.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12, 247-256.
- Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evalution Psicológica*, 34, 175-199.
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, A., & Jongenlenen, I. (2016). *Escala de Desenvolvimento da Identidade: Versão Portuguesa* (versão para investigação).

Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2015). Family relationships and parenting practices: A pathway to adolescents' collectivist and individualist values? *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3258-3267. doi:10.1007/s10826-015-0129-3.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2016). Adolescent parents' values: The role played by retrospective perceptions of the family-of-origin. *Journal of Child and Family Studies*, 25(1), 224-231.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2016). Values' family flow: Associations between grandparents, parents and adolescent children. *Journal of Family Studies*. doi:10.1080/13229400.2016.1187659
- Pumar, B., Ayerbe, A., Espina, A., García, E., & Santos, A. (1995). Percepción del clima familiar en toxicómanos. *Anales de Psicología*, 11(2), 143-152.
- Ramos, A. (2006). Social values dynamics and socio-economic development. *Portuguese Journal of Social Science*, 5, 35–64. doi:10.1386/pjss.5.1.35/1
- González, J. A. G. (1994). *Manual de orientación y terapia familiar*. Madrid: Fundación Instituto de Ciencias del Hombre.
- Rodrigues, C. M. (2011). *Processos de transição para a vida adulta: do olhar dos pais a uma compreensão intergeracional*. Tese de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Manuscrito não publicado.
- Sagiv, L., & Schwartz, S. H. (2000). Value priorities and subjective well-being: Direct relations and congruity effects. *European Journal of Social Psychology*, 30, 177-198.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silves, E. F. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Schwartz, S. J. (1992). Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. J., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.

- Schwartz, S. J., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beieilein, C., et al. (2012). Redefining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 663-688. doi:10.1037/a0029393
- Schwartz, S. J., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: Cross-cultural and multimethod studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 1010-1028.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Luyckx, K., Meca, A., & Ritchie, R. (2013). Identity in emerging adulthood: Reviewing the field and looking forward. *Emerging Adulthood*, 1(2), 96-113. doi:10.1177/2167696813479781
- Sedikides, C., & Brewer, M. B. (2001). Individual, relational, and collective self: Partners, opponents, or strangers? In C. Sedikides & M. B. Brewer (Eds.), *Individual self, relational self, collective self* (pp. 1-4). Philadelphia, PA: Psychology Press.
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Soenens, B., Luyckx, K., Vansteenkiste, M., & Groossens, L. (2008). Clarifying the link between parental psychological control and adolescents' depressive feelings: A test of reciprocal versus unidirectional models of influence. *Merrill-Palmer Quarterly*, 54, 411-444.
- Stocker, C. M., Rhoades, G. K., & Richmond, M. K., (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development*, 16, 310-325.
- Teixeira, M. A. P., Oliveira, A. M., & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando Dimensões de Práticas Parentais em Relação a Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433-441.
- Teodoro, M. L., Land, B. R., & Allgayer, M. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39.
- Vieira, A. C. S., & Rava, P. G. S. (2012). Ninho cheio: Perspectivas de pais e filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(1), 84-96
- Vignoles, V. L., Schwartz, S. J., & Luyckx, K. (2011). Introduction: Toward an integrative view of identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 1-27). New York: Springer.
- Walsh, F. (1985). Social change, disequilibrium, and adaptation in developing countries: a Moroccan example. In J. Schwartz (Ed.), *Families and other systems:*

The macrosystemic context of family therapy (pp. 244-259). New York: The Guilford Press.

Weber, L. N., Brandenburg, O. J., & Stasiack, G. R. (2003). Percepção da interação familiar e auto-estima de adolescentes. *Aletheia*, 17/18, 95-105.

Wendling, M. I., & Wagner, A. (2005). Saindo da casa dos pais: a construção de uma nova identidade familiar. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 123-134). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Wood, B. L., Miller, B. D., Lim, J., Lillis, K., Ballow, M., Stern, T., et al. (2006). Family relational factors in pediatric depression and asthma: Pathways of effects. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 45(12), 1494-1502. doi:10.1097/01.chi.0000237711.81378.46

Anexo A – Protocolo de Investigação

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias está a desenvolver um estudo sobre o desenvolvimento da identidade em adolescentes e jovens adultos. O estudo está sob a coordenação da Professora Doutora Ana Prioste.

Se tem entre 18 e 30 anos e pretender colaborar connosco, por favor, leia atentamente as informações abaixo:

QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DO ESTUDO?

É um projecto de investigação que pretende descrever o impacto de factores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade.

SE ACEITAR PARTICIPAR, O QUE ME É PEDIDO?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 20 minutos.

QUAL A VANTAGEM DE PARTICIPAR?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

SOU OBRIGADO A PARTICIPAR?

A sua participação é voluntária. O preenchimento dos questionários poderá ser interrompido a qualquer momento.

QUEM TEM ACESSO AOS DADOS?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

SE PRECISAR DE MAIS INFORMAÇÕES, COM QUEM DEVO CONTACTAR?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaro ter tomado conhecimento dos objetivos do estudo e da participação que me é solicitada, participando voluntariamente. Concordo ainda que os

dados sejam trabalhados anónima e coletivamente pelos investigadores responsáveis, no âmbito dos objectivos a que este estudo se dirige.

Rubrica: _____ Data: _____

DADOS PESSOAIS

Responda às próximas questões com os seus dados pessoais, por favor.

1. **Género** ☐ Masculino ☐ Feminino ☐ Outro

2. **Nacionalidade** *(indique a sua nacionalidade)* _____

3. **Idade** _____ anos

4. **Profissão** *(indique a actividade que exerce)* _____

5. **Situação relacional**

- | | |
|---|---|
| ☐ Casamento | ☐ Separação |
| ☐ Divórcio | ☐ União de Facto / Coabitação |
| ☐ Viuvez | ☐ Namoro |
| ☐ Não tem relação/Não se aplica | |

6. **Nível de escolaridade**

- | | |
|--|--|
| ☐ 0-4 anos de escolaridade | ☐ 4-6 anos de escolaridade |
| ☐ 6-9 anos de escolaridade | ☐ 10-12 anos de escolaridade |
| ☐ Frequência universitária | ☐ Ensino Superior |

Se respondeu “Frequência universitária, diga, por favor, qual o curso que frequenta.

7. **Zona de Residência Habitual**

- | | | |
|--------------------------------|-------------------------------------|------------------------------|
| ☐ Norte | ☐ Algarve | ☐ Centro |
| ☐ Alentejo | ☐ Grande Lisboa | ☐ Açores |
| ☐ Madeira | | |

8. **Religiosidade**

- | | | |
|---|---|----------------------------------|
| ☐ Crente praticante | ☐ Crente não praticante | ☐ Não crente |
|---|---|----------------------------------|

9. **Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico**

- ☐ Nunca teve
- ☐ Teve no passado
- ☐ Tem actualmente
- ☐ Não sei

10. **Com quem viveu durante a infância?** _____

11. **Com quem vive actualmente?** _____

Escala do Desenvolvimento Identitário

Em seguida encontram-se um conjunto de afirmações. Diga em que grau concorda com cada afirmação, utilizando a escala abaixo indicada. Por exemplo, se concorda fortemente com uma afirmação, assinale o número 5; se discordar fortemente com uma afirmação, assinale o número 1. Não há uma resposta correta. Não perca muito tempo com uma afirmação e responda a todos os itens.

1 Discordo fortemente	2 Discordo	3 Não concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo fortemente
1. Decidi o caminho que vou seguir na minha vida.			1	2 3 4 5
2. Tenho planos para o que vou fazer no futuro.			1	2 3 4 5
3. Sei qual o caminho que vou seguir na minha vida.			1	2 3 4 5
4. Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.			1	2 3 4 5
5. Fiz uma escolha sobre o que vou fazer com a minha vida.			1	2 3 4 5
6. Penso activamente sobre os diferentes caminhos que posso seguir na minha vida.			1	2 3 4 5
7. Penso nas diferentes coisas que poderei vir a fazer no futuro.			1	2 3 4 5
8. Estou a ponderar sobre diferentes estilos de vida podem ser adequados para mim.			1	2 3 4 5
9. Penso em diferentes objectivos que posso procurar alcançar.			1	2 3 4 5
10. Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.			1	2 3 4 5
11. Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.			1	2 3 4 5
12. Preocupo-me com o que quero fazer com o meu futuro.			1	2 3 4 5
13. Estou continuamente à procura da direcção que quero tomar na minha vida.			1	2 3 4 5
14. Estou continuamente a pensar que direcção a minha vida tem de tomar.			1	2 3 4 5
15. É difícil para mim parar de pensar na direcção que quero seguir na minha vida.			1	2 3 4 5
16. Os meus planos para o futuro coincidem com os meus verdadeiros interesses e valores.			1	2 3 4 5
17. Os meus planos para o futuro dão-me auto-confiança.			1	2 3 4 5
18. Graças aos meus planos para o futuro, sinto-me seguro/a acerca de mim próprio/a.			1	2 3 4 5
19. Sinto que a direcção que quero tomar na minha vida será mesmo adequada a mim.			1	2 3 4 5
20. Estou seguro/a de que os meus planos para o futuro são os certos para mim.			1	2 3 4 5
21. Penso nos planos para o futuro que já fiz.			1	2 3 4 5
22. Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.			1	2 3 4 5
23. Penso se os planos que tenho para a minha vida são realmente adequados para mim.			1	2 3 4 5
24. Procuo saber o que as outras pessoas pensam sobre a direcção específica que decidi tomar na minha vida.			1	2 3 4 5
25. Penso se os meus planos para o futuro coincidem com o que realmente quero.			1	2 3 4 5

QUESTIONÁRIO SOBRE OS VALORES PESSOAIS

Shalom H. Schwartz; Tradução e Adaptação: Menezes & Campos, 1989

Readaptação: Prioste, Narciso, & Gonçalves (2012)

Neste questionário deve perguntar-se a si próprio: **"Que valores são importantes como princípios que orientam a MINHA vida, e que valores são menos importantes para mim?"**. Após alguns valores que enunciamos, dentro do parêntesis, há uma explicação que poderá ajudá-lo(a) a compreender o seu significado. A sua tarefa é avaliar quão importante é para si cada valor **como um princípio orientador da sua vida**. Use a seguinte escala de avaliação:

- 1 - Sem importância**
- 2 - Pouquíssimo importante**
- 3 - Pouco importante**
- 4 - Importante**
- 5 - Muito importante**
- 6 - Importância Fundamental**

Quanto mais elevado é o número que atribuir (1, 2, 3, 4, 5, 6), mais importante é o valor como princípio que orienta a sua vida.

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

1. Igualdade (oportunidades iguais para todos)	1	2	3	4	5	6
2. Harmonia Interior (em paz consigo próprio)	1	2	3	4	5	6
3. Poder Social (controlo sobre os outros, domínio)	1	2	3	4	5	6
4. Prazer (satisfação de desejos)	1	2	3	4	5	6
5. Liberdade (liberdade de acção e pensamento)	1	2	3	4	5	6
6. Espiritualidade (ênfase em aspectos espirituais e não materiais)	1	2	3	4	5	6
7. Ordem Social (valorização da regulação social)	1	2	3	4	5	6
8. Família (valorização da prioridade da família no percurso de vida)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

9. Vida Excitante (experiências estimulantes, desafiadoras)	1	2	3	4	5	6
10. Sentido de Vida (finalidades e acções que dêem sentido à vida, que promovam a auto-realização)	1	2	3	4	5	6
11. Polidez (cortesia, boas maneiras)	1	2	3	4	5	6
12. Trabalho (valorizar a importância do trabalho no percurso de vida)	1	2	3	4	5	6
13. Evolução (valorizar a evolução científica e tecnológica)	1	2	3	4	5	6
14. Fortuna (posses materiais, dinheiro)	1	2	3	4	5	6
15. Segurança Nacional (protecção da nação contra os inimigos)	1	2	3	4	5	6
16. Respeito Próprio (crença no seu valor pessoal)	1	2	3	4	5	6
17. Reciprocidade de Favores (evitar ser devedor a alguém)	1	2	3	4	5	6
18. Criatividade (valorização do ser único, com imaginação)	1	2	3	4	5	6
19. Mundo em Paz (livre de guerra e de conflito)	1	2	3	4	5	6
20. Tradição (preservação dos costumes estabelecidos há longo tempo)	1	2	3	4	5	6
21. Amor (profunda intimidade emocional e espiritual)	1	2	3	4	5	6
22. Auto-Disciplina (auto-controlo)	1	2	3	4	5	6
23. Privacidade (ter direito a uma esfera privada)	1	2	3	4	5	6
24. Segurança Familiar (valorizar e proporcionar segurança aos familiares)	1	2	3	4	5	6
25. Beleza Física (valorização da imagem física)	1	2	3	4	5	6
26. Positividade (perspectiva positiva face a si, aos outros e os acontecimentos)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

27. Verdade (ser genuíno e verdadeiro)	1	2	3	4	5	6
28. Reconhecimento Social (respeito, aprovação dos outros)	1	2	3	4	5	6
29. União com a Natureza (integração com a natureza)	1	2	3	4	5	6
30. Generosidade (valorização de acções gratuitas em prol dos outros)	1	2	3	4	5	6
31. Vida Variada (cheia de mudanças e novidades)	1	2	3	4	5	6
32. Sabedoria (compreensão madura da vida)	1	2	3	4	5	6
33. Autoridade (valorização do direito de liderar ou mandar)	1	2	3	4	5	6
34. Amizade (valorização de amigos íntimos)	1	2	3	4	5	6
35. Mundo de Beleza (valorização da beleza da natureza e das artes)	1	2	3	4	5	6
36. Justiça Social (preocupação com a correcção de injustiças, com a ajuda aos mais fracos)	1	2	3	4	5	6
37. Independência Pessoal (valorização da auto-suficiência, da autonomia)	1	2	3	4	5	6
38. Moderação (evitar os extremos nos sentimentos e acções)	1	2	3	4	5	6
39. Higiene (ser asseado, arrumado)	1	2	3	4	5	6
40. Auto-Condescendência (transigente face aos próprios erros e limitações)	1	2	3	4	5	6
41. Sucesso (atingir objectivos importantes)	1	2	3	4	5	6
42. Inteligência (capacidade intelectual)	1	2	3	4	5	6
43. Lealdade (fiel aos amigos, aos grupos)	1	2	3	4	5	6
44. Ambição (valorização do trabalho árduo, com aspirações)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

45. Humildade (valorização da modéstia e da simplicidade)	1	2	3	4	5	6
46. Audácia (valorização da aventura, do risco)	1	2	3	4	5	6
47. Educação (valorização da transmissão de saberes nas diversas áreas da vida)	1	2	3	4	5	6
48. Protecção do Ambiente (valorização da preservação e respeito pela natureza)	1	2	3	4	5	6
49. Influência Social (impacto nas pessoas e nos acontecimentos)	1	2	3	4	5	6
50. Respeito pelos Mais Velhos (aceitar a importância dos mais velhos e agir em conformidade)	1	2	3	4	5	6
51. Escolha de Objectivos de Vida (seleccionar objectivos e metas)	1	2	3	4	5	6
52. Responsabilidade (fidedigno, de confiança)	1	2	3	4	5	6
53. Curiosidade (interesse por tudo, explorador)	1	2	3	4	5	6
54. Disponibilidade para os Outros (ser prestável e dedicado, preocupar-se com o bem-estar dos outros)	1	2	3	4	5	6
55. Religiosidade (dedicado à fé religiosa)	1	2	3	4	5	6
56. Saúde (procurar bem-estar físico e mental)	1	2	3	4	5	6
57. Competência (competente, eficaz, eficiente)	1	2	3	4	5	6
58. Aceitação da Vida (submissão às circunstâncias da vida)	1	2	3	4	5	6
59. Honestidade (sincero, autêntico)	1	2	3	4	5	6
60. Preservação da Imagem (proteger a reputação)	1	2	3	4	5	6
61. Esperança (ter fé, acreditar no futuro)	1	2	3	4	5	6
62. Obediência (cumprir deveres e obrigações)	1	2	3	4	5	6
63. Perdão (desculpar os outros)	1	2	3	4	5	6

Inventário do Clima Familiar

Este questionário aborda um tema sobre o qual todos nós temos muito a dizer: **a nossa família**. Gostaríamos de lhe pedir que pense sobre o(s) membro(s) da sua família e sobre a forma como eles, geralmente, se relacionam.

Abaixo estão algumas frases que descrevem situações e sentimentos que podem ou não ocorrer no dia-a-dia de qualquer família. Leia cada frase e responda se se aplica ou não à sua família, utilizando os seguintes números:

Discordo completamente	Discordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo completamente
1	2	3	4	5

Lembre-se de que **não** existem respostas certas ou erradas. Apenas pretendemos saber como as coisas têm estado na sua família **ultimamente**.

Discordo completamente	Discordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo completamente
------------------------	-------------------	------------------------	----------------	------------------------

Na minha família...

1. Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas.	1	2	3	4	5
2. As proibições são constantes.	1	2	3	4	5
3. Uns mandam e outros obedecem.	1	2	3	4	5
4. As pessoas gozam umas com as outras.	1	2	3	4	5
5. Discute-se por qualquer coisa.	1	2	3	4	5
6. Algumas pessoas deixam de fazer as suas coisas para ajudar as outras pessoas da família.	1	2	3	4	5
7. Não importa a vontade da maioria, a decisão final é sempre da mesma pessoa.	1	2	3	4	5
8. As pessoas irritam-se umas às outras.	1	2	3	4	5
9. As pessoas gostam de passear e de fazer coisas juntas.	1	2	3	4	5
10. As pessoas resolvem os problemas discutindo.	1	2	3	4	5
11. As pessoas criticam-se umas às outras frequentemente.	1	2	3	4	5
12. Resolver problemas significa discussão e conflitos.	1	2	3	4	5
13. As pessoas tentam ajudar-se umas às outras quando as coisas não estão bem.	1	2	3	4	5

Discordo
completa-
mente

Discordo
um pouco

Concordo
mais ou
menos

Concordo
muito

Concordo
completa-
mente

Na minha família...

14. As pessoas gostam umas das outras.	1	2	3	4	5
15. Sinto que existe união entre os membros.	1	2	3	4	5
16. Os mais velhos mandam mais.	1	2	3	4	5
17. As pessoas sentem-se próximas umas das outras.	1	2	3	4	5
18. O(s) filho(s) tem(têm) pouco poder nas decisões familiares.	1	2	3	4	5
19. Temos prazer e alegria em passar tempo juntos.	1	2	3	4	5
20. Algumas pessoas resolvem os problemas de forma autoritária.	1	2	3	4	5
21. Ajudamo-nos financeiramente uns aos outros.	1	2	3	4	5
22. As pessoas ajudam-me a fazer as coisas quando não tenho tempo.	1	2	3	4	5